

FACULDADE DE PSICOLOGIA

Provisória e dividida há uma dúzia de anos

CRIADA em 1975/76, primeiro ano de licenciatura, funciona há doze anos em instalações provisórias. Trata-se da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa. Caso curioso de provisoriedade que só terminará daqui por ano e meio na melhor das hipóteses, data em que estará concluído o edifício, já em fase de arranque, mesmo ao lado da Faculdade de Direito. Enquanto isto cerca de 600 alunos frequentam um curso «pela cidade em pedaços repartido» com algum prejuízo em matéria de acesso a bibliografia e a toda uma sorte de informações sobre a vida académica, ou até do seu sentimento de classe.

Faculdade de Letras, Hospital Faculdade de Medicina, (em Santa Maria), Rua Pinheiro Chagas n.º 17, 2.º e 3.º andares, e ainda Avenida do Brasil n.º 1, eis os quatro cantos da cidade onde, até agora, tem vindo a ser ministrado o curso. Os alunos do 1.º, 2.º, e 3.º anos têm aulas na Faculdade de Letras, e em Santa Maria, a partir do 4.º ano passam para a Pinheiro Chagas e têm também aulas em Santa Maria. Na Av. do Brasil funcionam os mestrados em Ciências da Educação.

A Associação de Estudantes é formada em 1983, há apenas três anos, e cabe-lhe a espinhosa missão de gerir esta cisão entre os estudantes. Obviamente, os alunos do quarto e quinto anos vivem num mundo à parte. Pense-se, por exemplo, na dificuldade de fazer o trajeto Pinheiro Chagas - Cidade Universitária em hora de ponta. Um mundo à parte é também o Hospital de Santa Maria onde os alunos de Psicologia são uma espécie de «marginais do sistema». Nas aulas com as notas nem sequer são nomeados como alunos de Psicologia.

Enquanto isso, o acesso ao mestrado restringe-se a Ciências da Educação, pelo menos no plano institucionalizado e os licenciados em Psicologia que enveredam por esta via passam à Av. do Brasil perdendo contacto com a Faculdade.

Dentro de Psicologia, o percurso que leva à carreira docente está, no que parece, mais esbatido, ou seja, um aluno com boa média é normalmente convidado para dar aulas como monitor e a passagem a assistente é feita

pela apresentação de um trabalho final ao Conselho Científico.

Até aqui nada de muito específico face ao que se passa noutras Faculdades, excepto se se tomar em linha de conta a opinião generalizada no meio dos alunos de que sem convite para ser monitor não há mestrado e mais, não haverá monitor sem a escolha do Mestre que, em certos casos, é, se não contestável, pelo menos contestada. Foi-nos no entanto impossível confirmar junto do Conselho Directivo se existe algum «fogo» por detrás destes «fumos» de descontentamento. Resta-nos registar o «fumo», cuja importância não pode em caso algum ser menosprezada.

Os custos da separação

Dia 24 de Março, dia do estudante, quando nada de novo surge na Academia de Lisboa, os alunos da F.P.C.E. promovem uma festa-surpresa no sexto andar da Pinheiro Chagas como forma de protesto face a uma situação que se arrasta desde Julho de 1987 e que se prende, de uma forma algo dramática, com a desmultiplicação de instalações na sua Faculdade. Já atrás se falou na cisão entre o quarto e o quinto anos e alunos até ao terceiro ano. Num curso onde se recorre de forma quase sistemática a fotocópias de artigos em publicações periódicas, onde os livros existentes são normalmente em francês ou inglês e ou então traduções brasileiras, que não são acessíveis às bolsas do estudante comum, a falta de um serviço de fotocópias pode tornar-se problema sério. Daí que há dois anos,

num espaço exíguo cedido pelo Conselho Directivo, tenha estado a funcionar um serviço de fotocópias explorado directamente pela A.E.. O desdobramento parece ter sido forte de mais para as forças duma associação que tem um subsídio de 500 contos/ano e, no fim do ano lectivo, ei-lo, que surge,.... um buraco orçamental de 947 contos! Extinguiu-se este posto de venda e ao mesmo tempo envidaram-se esforços junto do Ministério da Educação, nomeadamente da Secretaria de Estado da Administração Escolar, para que fosse concedido à A.E. um espaço na Pinheiro Chagas que permitisse minorar os custos da separação, onde se poria a funcionar um posto de fotocópias desta vez concessionado a uma empresa privada. Em Julho ficou acordado entre a A.E., o então secretário de Estado da Administração Escolar, Simões Alberto, e o Secretário Geral do M.E., a cedência das instalações do sexto andar. No referido sexto andar funcionava uma Comissão para o Ensino Pré-Escolar que seria transferida para a Av. 24 de Julho onde se está a tentar centralizar todo o aparelho burocrático do M.E..

Daqui não saio?

A A.E. acorda com as senhoras que trabalham nesta comissão a data de 15 de Setembro de 1987 como limite para se efectuarem as «mudanças». A 16 de Setembro, ao dirigirem-se às instalações do sexto andar para

tomar posse das instalações, são surpreendidos pela presença das referidas senhoras que de imediato os informam da sua indisponibilidade para sair para a 24 de Julho, uma vez que consideravam as novas instalações pouco arejadas, sem janelas nem plantas, enfim, pouco simpáticas e nada do seu agrado! Posto isto os membros da referida comissão resolviam, fazendo uso de prerrogativas decisórias pouco conhecidas do direito administrativo, ignorando uma decisão superior e fazendo tábua rasa do acordo pré-estabelecido com a A.E., continuar no sexto andar da Pinheiro Chagas. Depois de ocupação fomos informados pela A.E. que as senhoras terão abandonado as instalações deixando a porta aberta, o

que a A.E. interpreta como um claro convite à ocupação...

De referir que esta é uma Associação de Estudantes particularmente dinâmica, sendo que tem neste momento a funcionar uma secção de saídas profissionais que no corrente ano lectivo já empregou cinco recém-licenciados; o que é membro fundador da Associação Nacional de Estudantes de Psicologia, ANEP, e da Federação Europeia de Estudantes de Psicologia, FEPE, Esta última, já no seu segundo ano de existência, teve o seu primeiro encontro inteiramente organizado pela A.E. de Psicologia em Junho, do ano passado, e é constituída por membros de nove países.

O Ministério das paredes de vidro

Com tanto dinamismo, facultaram-nos o acesso a toda uma sorte de informações preciosas contrastando com a indisponibilidade dos serviços do Ministério da Educação para nos fornecerem informações.

Na tentativa de aprofundar a questão da Comissão de Ensino Pré-Escolar, contactámos o assessor de Imprensa do M.E. que alegou desconhecimento do problema aconselhando a consulta

da Direcção-Geral do Ensino Básico. Esta última, depois de, e em primeiro lugar, nos remeter para um elemento da dita Direcção mais indicado para falar sobre assunto tão delicado, elemento esse que não se conseguiu encontrar, acabou por nos

remeter para o gabinete do director-geral que por sua vez nos remeteu para quem tínhamos contactado em primeiro lugar: o assessor de Imprensa do M.E. que desta vez não se conseguiu encontrar.

Não espanta por isso que esta

A.E. tenha recebido uma carta endereçada à A.E. da Faculdade de «Astrologia»... assinada pelo director-geral da Juventude! Será caso para dizer que têm estado um pouco votados ao esquecimento!

Esurpamento -
Instalações

univ. dissoc